

Incubadora de cooperativas populares: gerando emprego e renda e fazendo solidária a economia

Emmanuel Paiva de Andrade (UFF) emanuel@vm.uff.br
Michelle Domingues Duarte (UFF) michelle3d@hotmail.com

Resumo

O trabalho relata resultados preliminares de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do PIBIC/UFF, com apoio do CNPq, onde se buscava levantar e mapear referências teóricas e empíricas acerca do desenvolvimento das chamadas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, confrontando-as com as iniciativas desenvolvidas na UFF para implantar a sua própria incubadora. Recuperando os referenciais teóricos que buscam pensar criticamente o instrumento “incubadora” no contexto das novas formas de organização da produção, os autores procuram situar os esforços da Universidade no quadro mais amplo da chamada “economia solidária”.

Palavras chave: Trabalho, Inovação, Incubadora.

1. Introdução

A engenharia de produção tem, desde sua origem, um viés importante de estudo do trabalho, da sua organização, das técnicas e modelos, historicamente situados, que procuraram responder, explicar e planejar o trabalho e seu ambiente. É bem verdade no entanto que o pano de fundo de toda a sua elaboração teórica e prática sempre foi a empresa capitalista, o que encerra um sem número de pressupostos não questionados. É bem conhecida a famosa decisão de Lênin na elaboração da Nova Política Econômica, no alvorecer da construção do socialismo real, de adotar as “técnicas” capitalistas de organização do trabalho.

O mundo deu voltas e o muro de Berlim caiu em 1989, acabando com uma experiência que Hobsbawm (1995) chamou de a era dos extremos, ou o breve século XX. Apesar disso as “técnicas” capitalistas de organizar e controlar o trabalho continuaram praticamente a monopolizar a atenção e o esforço não apenas dos gerentes e seus *stakeholders*, mas dos próprios acadêmicos. Exceções brilhantes que existem só confirmam a “quase” regra.

Este trabalho, neste sentido, vem meio na “Contra Corrente”, para usar a feliz expressão de Sader (2001) no livro que organizou com o mesmo nome e cujo objetivo principal, na expressão de Anderson(2001), autor de um dos capítulos do livro é “a rejeição de toda abordagem que tome desejo por análise, que identifique em pequenas resistências uma revolta prenunciadora da revolução final” mas, por outro lado, que não se conforme com a inexorabilidade da solução única, do fim da história, mas aponte, seguindo Mészáros(2002), para a possibilidade real da superação da subordinação estrutural do trabalho ao capital.

Tal esperança, se existe, só pode ser sentida percorrendo experiências concretas, pequenas ainda sem dúvida, mas que apresentam potencial de mobilização e engajamento que não pode ser deixado de lado pelas engenharias, particularmente a engenharia de produção.

2. Há alternativa?

A produção capitalista desde sua origem é estruturada através da concorrência e da

concentração de capital. Em que pese o imenso “progresso” técnico-científico produzido, há que se refletir acerca do também imenso custo social e humano que está por trás. Ao longo dos anos, o acúmulo de capital tem acarretado o surgimento dos oligopólios que dominam o mercado, com meios de produção cada vez mais automatizados e mais caros, excluindo parcelas significativas da população do acesso ao emprego e dificultando enormemente, quando não impossibilitando mesmo, o surgimento e a manutenção de pequenos produtores autônomos.

É importante ressaltar que a hegemonia e a dominação acontecem, também, no campo cultural, ou seja, a informação que circula no mundo de hoje é cada vez mais marcada pelos interesses dos dominadores que formam, ou melhor dizendo, deformam consciências submissas aos valores neoliberais que adotam o individualismo, a competição e o consumismo, tornando-os naturais na vida das pessoas. (GARCIA, 1997).

É nesse cenário de desigualdade social, altos índices de desemprego e de sub-emprego que surge um modo de produção e distribuição que se pretende alternativo dentro do capitalismo que é a Economia Solidária.

De acordo com Guimarães (1999) a Economia Solidária é recriada periodicamente pelos que se encontram ou temem em ficar marginalizados do mercado de trabalho. A perda do trabalho formal significa muito mais do que a perda financeira, visto que a referência social do trabalhador está atrelada a sua inserção na economia.

Nesse contexto, a Economia Solidária prenuncia novas formas de organização de trabalho, calcada em princípios de gestão democráticos, defensores da participação coletiva e igualitária de todos os componentes do empreendimento solidário, com o intuito de conferir cidadania, trabalho e renda aos que estão à parte.

Surgem novas formas de organização da produção e do exercício do trabalho que se diferenciam da tradicional estrutura capitalista. Destacam-se as empresas economicamente viáveis e socialmente desejáveis: as cooperativas – que podem ser de produção de mercadorias, de prestação de serviços, de habitação, de construção, de consumo, de créditos, de compras e vendas, entre outras. Somam-se, ainda, outros tipos de empreendimentos solidários, como os bancos do povo, clubes de trocas e formas de produção associada.

Ao contrário das empresas capitalistas, de gestão hierárquica, em cujo topo se estabelece o possuidor de capital, o cooperativismo tem incorporado os princípios de autogestão e cooperação. Desta forma, indo de encontro aos interesses meramente individuais e aos valores de competição da empresa capitalista, as relações entre os cooperados são desenvolvidas de forma mais democráticas, autônomas e participativa.

É necessário registrar no entanto que a lógica de gestão dessas organizações, especialmente aquelas que optaram pela autogestão, inversa à lógica da empresa convencional, provoca dificuldades de adaptação dos trabalhadores exigindo grande confiabilidade e, sobretudo, um novo processo de aprendizado que se dá cotidianamente (GALVÃO E CIFUENTES, 2001).

A reconscientização dos cooperativados começa desde a geração do empreendimento solidário, através de cursos que colocam em primeiro plano os valores de coletividade e de solidariedade.

Como já foi visto, uma empresa solidária cresce em meio a uma realidade capitalista, portanto, para ser bem sucedida, deve ter o apoio de outras entidades, como incubadoras, outras cooperativas, sindicatos e organizações não governamentais. É necessário, ainda, que o acesso ao crédito se dê de forma mais democrática, afinal, hoje em dia, somente corporações

de grande capital conseguem financiamentos, um obstáculo a uma economia mais solidária e participativa.

3. Incubadoras de Cooperativas Populares: um instrumento

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares é um projeto de iniciativa da Universidade, que surgiu em meados da década de 90 para organizar e qualificar os desempregados históricos – aqueles que têm a sua sobrevivência no mundo informal da economia–, possibilitando a entrada desses excluídos no mercado formal através da construção de cooperativas ou de empresas autogeridas.

O papel da Incubadora é de assessorar no nascer do empreendimento, oferecendo cursos de qualificação, palestras e oficinas de debate, ou seja, viabilizando a troca de saberes entre a Universidade e os grupos excluídos da sociedade. Além disso, cabe às Incubadoras facilitar o acesso ao crédito e aos recursos materiais, importantes para a formação do empreendimento solidário.

As Incubadoras se constituem com o apoio de parceiros privados, públicos e ONGs. Estas instituições oferecem ajudas imprescindíveis para a sua consolidação, com o apoio financeiro, com a doação de livros, material de escritório, computadores, entre outros. São diferentes os interesses que motivam a construção de parcerias. A ONG tem a intenção de amenizar os disparates sociais. Já o governo, estaria cumprindo sua função de agente social. Empresários, por sua vez, carregam, com o apoio a iniciativas populares, a imagem de uma empresa de responsabilidade social, um grande jogo de marketing, hoje tão em voga.

4. Diferentes mas semelhantes: observando a partir da prática

Uma parte fundamental da pesquisa foi o trabalho de campo, de reconhecimento das experiências concretas das cooperativas. O esforço o tempo todo era o de identificar algum eixo condutor das experiências tão diferentes, mas também tão semelhantes.

4.1. Um pouco de história: A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da COPPE

A idéia de formar a Incubadora de Cooperativas Populares da COPPE surgiu em 5 de janeiro de 1995, em uma reunião realizada no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), da qual participavam representantes da COOPE/ UFRJ, superintendência - RJ e da gerência do Cooperativismo do Banco do Brasil, além de membros do Coep (Comitê das Entidades Públicas no Combate a Fome e pela Vida). Durante a reunião, um dos focos da discussão passou a ser a iniciativa da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) em criar a Cootram – Cooperativa dos Trabalhadores autônomos do Complexo de Manguinhos.

Através da riquíssima experiência da Fiocruz, surgiu na reunião a proposta de usar o potencial da universidade como um fomentador e não apenas como um mercado. Com isso foi aprovada a idéia de se estimular a implantação de uma Incubadora de Cooperativas Populares, com o objetivo de gerar trabalho em áreas de baixa renda.

Uma vez aprovada a idéia, várias articulações foram imprescindíveis, particularmente as do Coep, que reuniu em torno da proposta, a Gerência de Cooperativismo do Banco do Brasil (GCOOP) – como apoio para a realização do projeto–, a Fundação Banco do Brasil (FBB) – como um braço mais institucional de aplicação das políticas do Banco –e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

Em julho de 1995, antes mesmo de receber o repasse dos recursos foi iniciado um trabalho, via Cootran, ministrando a seus associados um curso de cooperativismo para cerca de 400 pessoas. A Incubadora contribui também para a formação das pessoas responsáveis para

administrarem a cooperativa. Isso se realiza até dezembro quando são liberados os recursos e finalmente nasce a Incubadora.

Na ausência de uma metodologia mais consolidada, para conduzir o projeto de geração de renda junto as comunidades carentes, buscou-se adaptar as técnicas já conhecidas de trabalho com a educação popular.

A Incubadora atravessou por grandes dificuldades financeiras. Este fato foi agravado pelo volume de atividades compromissadas e já em andamento. No entanto, após essa difícil fase, novos contratos foram realizados com órgãos públicos e privados, viabilizando a sustentação da incubadora e de seus projetos. Sendo assim a incubadora passa por um processo de recomposição de sua equipe, até então reduzida ao mínimo.

A equipe da incubadora é multidisciplinar, ou seja, constituída por pessoas de diferentes áreas que vão da teologia à pedagogia, da arquitetura à contabilidade, da sociologia à engenharia de produção. Esta mistura das áreas é que proporciona o sucesso da iniciativa.

A área de atuação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas da COPPE ocorre em comunidades de baixa renda, em especial, as favelas, trabalhando assim, basicamente, com cooperativas de prestação de serviços. Já que essas pessoas não possuem acesso a créditos, não tendo capital inicial para formar cooperativas de produção, a não ser a sua força de trabalho.

As favelas são áreas de grande exclusão social e econômica, marginalizadas da cidade. Já que muitas das vezes não são reconhecidos pelo poder público, ou seja, este não registra, não cadastra e não reconhece essa área. Entretanto, não reconhecer essa parte da cidade significa não considerar como cidadãos as pessoas que ali vivem.

O surgimento de cooperativas regularmente organizadas nas favelas, ajuda a inserir os marginalizados na sociedade. Isso ocorre, pois as cooperativas além de gerarem trabalho e renda para essas pessoas, conferem o exercício da cidadania. Este processo se caracteriza, principalmente, através da união da comunidade local em torno de um objetivo comum, o que leva ao desenvolvimento de práticas de discussões coletivas. Isso acarreta em uma maior conscientização política das pessoas envolvidas que passam ter a chance de conduzir o seu destino com maior autonomia.

Torna-se evidente, a diferença entre as iniciativas de caráter assistencialistas praticadas pelo setor público e organizações privadas, junto as comunidades carentes, com as ações da Incubadora que promove o aprendizado, a reflexão e a coletividade.

A partir de abril de 2003, a Incubadora passou a utilizar nova metodologia de trabalho na qual o período de incubação necessário para que a cooperativa se forme e consiga se firmar no mercado foi estabelecido por três anos e o período de desincubação por seis meses. A cada ano existirá indicadores que serão as metas a serem alcançados pelas cooperativas incubadas, existindo assim fases distintas no decorrer do tempo estabelecido.



Fachada da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

Um compromisso que a Incubadora possui é de diminuir o máximo possível o número de analfabetos existentes nas cooperativas por ela incubada, já que antes de tudo esta é uma instituição educacional. Sendo assim, possuem o papel de formação não apenas do trabalho como também da cidadania e para isso precisa-se saber ler.

4.2. Fases da Metodologia de Trabalho da Incubadora de Cooperativas da COPPE/UFRJ:

O primeiro contato com qualquer grupo interessado na criação de uma cooperativa se materializa através de uma avaliação individual dos cooperados, para estabelecer o grau de participação nas assembléias, quantos cursos de qualificação fez na sua área profissional, quantos cursos fez ou fez no ensino formal. A outra avaliação é feita com todo o grupo, para medir o grau de cidadania, a participação da cooperativa na comunidade, entre outros. Esses indicadores são vastos e precisam sempre ser avaliados e discutidos, entretanto as áreas que terão maior prioridade serão as de educação formal, profissional e cidadania.

A primeira fase seria a sensibilização do grupo em relação ao cooperativismo. Isso ocorre através de visitas dos funcionários da Incubadora às comunidades interessadas em formar uma cooperativa.

Já a segunda fase se dá através da pré incubagem. Neste período, a Incubadora verifica a real viabilidade da proposta feita pela comunidade, através do potencial levantado no primeiro contato com o grupo. A Incubadora neste momento identifica, também, as entidades que possam apoiar a idéia dentro da comunidade .

Em paralelo à análise da viabilidade ou não da proposta, a comunidade continua recebendo visitas do pessoal responsável a divulgar o curso básico de cooperativismo. A duração deste curso depende do tipo da atuação requisitada e das características do grupo em que se esteja trabalhando.

Na terceira fase ocorre a formação do empreendimento, para isso é necessário que toda a documentação vá sendo preparada. Começa-se a trabalhar no sentido da legalização da cooperativa, junto aos órgãos responsáveis. Um dos problemas enfrentados pela Incubadora é a obtenção do alvará de funcionamento junto a prefeitura, já que as favelas muitas das vezes são áreas de ocupação, não sendo reconhecidas pelos órgãos municipais competentes.

Em paralelo a formação do empreendimento são disponibilizados aos cooperados o ensino formal e profissional. O ensino formal engloba alfabetização para adultos, com o instrumental da informática, proporcionado pela metodologia já existente do CDI (centro de democratização da informática). Os monitores foram capacitados através dessa metodologia para serem alfabetizadores digitais. Existe também o pré-vestibular para cooperados e seus parentes e estão fechando parceria com a secretaria de educação do Estado para que os módulos do ensino médio também sejam dados pela Incubadora, através do Centro de Ensino Supletivo (CES).

Outro ensino disponível é o profissional, no qual as cooperativas fazem cursos técnicos de acordo com a sua área de atuação. Para isso ser possível a Incubadora faz intermediações com grupos que oferecem esses cursos para conseguir inscrição, ou estabelece parcerias com empresas privadas que financiam estes para os cooperados. A intenção dessas empresas é de obter a imagem de responsabilidade social.

A quarta fase seria a busca por mercado, pois uma vez contemplada a legalização, a cooperativa já está apta para firmar seus primeiros contratos e convênios. Para facilitar a aceitação da cooperativa no mercado, a equipe da Incubadora desenvolveu um selo, um carimbo dizendo que é incubada pela COPPE/ UFRJ. Isso diferencia estas das outras

prestadoras de serviços, abrindo as portas, no entanto isso não as mantém no mercado se não possuir qualidade.

A última fase se dá com o período de desincubação, que acarreta na retirada do selo, do carimbo até então utilizado pelas cooperativas. Com isso é interessante nesta fase conseguir parcerias, que pode ser realizado com a própria Incubadora, se for do interesse da cooperativa.

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares já incubou, aproximadamente, cerca de 50 cooperativas.

Na visita a Incubadora, o seu Coordenador comentou três projetos desenvolvidos que considera mais importante. São eles:

- *Cooperativa ARCO ÍRIS* (Cooperativa dos trabalhadores do Caju)

Funciona na comunidade do Caju - município do Rio de Janeiro. A sua área de atuação é de limpeza hospitalar. O interessante é que a partir do momento em que começou a trabalhar no hospital universitário da UFRJ, o índice de infecção hospitalar caiu a zero, isso é um dado que diferencia a cooperativa incubada pela COPPE/ UFRJ das outras prestadoras de serviços.

- *COOPBOM* (Cooperativa de Construção Civil)

A cooperativa funciona na comunidade da Vila Pinheiro em Bom Sucesso. Esta conseguiu fazer uma parceria com a CASASHOW, que é uma tradicional loja do ramo de material de construção do Rio de Janeiro. Nesta parceria a cooperativa teve a oportunidade de montar um estande dentro dessa loja, com isso as pessoas ao chegarem na CASASHOW pode fazer um orçamento, ou seja, no mesmo lugar se tem o produto e os profissionais qualificados com curso do SENAC, o que faz o diferencial destes no mercado.

- *Cooperativa Royal Flash* (Cooperativa de costura)

Funciona na favela Parque Royal na ilha do Governador. Através do trabalho realizado para o Rock Rio, conseguiu uma visibilidade nacional, a medida que foram responsáveis por fazer todas as camisetas usadas neste evento. Possui apoios, parcerias com o Viva Rio e com outras instituições devido a qualidade do seu produto.

As três cooperativas já foram desincubadas e continuam conseguindo se manter no mercado, já que possuem um trabalho de qualidade, diferenciando-se assim das demais prestadoras de serviços.

É importante destacar que muitos dos associados de diversas cooperativas, encontram-se em plena atividade em quase todas as unidades da Universidade, atuando tanto na área de limpeza geral como também na hospitalar e laboratorial. Isso proporciona críticas, pois alguns acreditam que essas pessoas tornam-se dependentes da instituição. Sendo assim, questões políticas na Universidade pode acarretar no rompimento desse contrato, deixando muitos dos cooperados sem atividade.

Por fim, nota-se que as Incubadoras trazem para o estudante a possibilidade da abertura de uma área de trabalho que antes não existia, que seria a de atuar em cooperativas ou empresas autogestionárias, completamente diferentes da lógica capitalista. Seria também uma forma de conhecer e conviver com uma outra cidade, até então desconhecida. Já para os centros de pesquisa abre uma outra área de pesquisa como a Economia Solidária, o cooperativismo, que até então não tinha na Universidade, abrindo assim um vasto leque para a área de pesquisa.

As metas da Incubadora seriam a de ampliar o número de grupos incubados de nove para quinze cooperativas nos próximos três anos. E conseguir realizar o ensino fundamental, para fechar o ciclo da educação para adulto e o pré vestibular. Outra meta seria a de realizar um

projeto com a Universidade para que os trabalhadores desta sejam de cooperativas e que elas doem uma hora do trabalho deles e esses cooperados doem uma hora de seu descanso e nessas duas horas diárias sejam oferecidos cursos em todos os centros da Universidade, assistidos conforme a necessidade dos trabalhadores.

5. Conclusão

A Universidade Federal Fluminense possui núcleos e grupos de pesquisa que interagem com comunidades organizadas, algumas delas, inclusive, em cooperativas, como é o caso do NEPHU – Núcleo de Pesquisa em Planejamento Habitacional e Urbano. Apesar disso a tentativa de criar o instrumento da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, feita há dois anos atrás não logrou êxito. É necessário mais do que a existência de grupos atuantes com comunidades organizadas. O *benchmarking* que o trabalho realiza mostra que, também na criação de modelos alternativos de organização, a escala é fundamental e nesse sentido a incubadora tem um papel importante a desempenhar. Não menos importante é que a articulação seja pluridisciplinar e pluri-institucional a exemplo do que vem sendo discutido na economia industrial como sistema local, regional e nacional de inovação. Afinal, trata-se, também aqui, de uma inovação de grande dimensão e que pode ter profundas repercussões na esperança dos pobres e na formação de engenheiros.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. “Retomadas”. In: SADER, Emir (org.). *ContraCorrente: O melhor da New Left Review em 2000*. Rio de Janeiro: Record, 2001

CIFUENTES, Ricardo; GALVÃO, Marisa Nunes. *Cooperação, autogestão e educação nas novas configurações do trabalho*. São Paulo, maio.2001. Disponível em: <<http://www.ecosol.org.com.br>>

GARCIA, Regina Leite. *Educação numa plataforma de Economia Solidária*. In: Revista Proposta, nº74, Setembro/ Novembro de 1997, p. 42-57

GUIMARÃES, Gonçalo *Integrar Cooperativas*. Rio de Janeiro: EspahaFato Comunicação, 1999.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital: Rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial e Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

SADER, Emir (org.). *ContraCorrente: O melhor da New Left Review em 2000*. Rio de Janeiro: Record, 2001.